

RELAÇÕES DE GÊNERO EM FLUXOS EMIGRATÓRIOS DO BRASIL A PARTIR DA DÉCADA DE 1980.

Mônica Emiko Sasai, Prof^a
Orientadora: Ethel Volfzon Kosminsky – Ciências Sociais – Departamento de Sociologia e Antropologia – Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília.

As teorias migratórias internacionais até meados dos anos 80 configuraram movimentos populacionais caracterizados por grupos de famílias chefiados pelos homens, onde as mulheres eram retratadas por seu papel secundário de simples acompanhante ou uma minoria sem importância. Um exemplo considerado por Gláucia de Oliveira Assis¹ foi a pouca atenção dada pelos pesquisadores em relação à predominância de mulheres, principalmente irlandesas, nos fluxos migratórios para os Estados Unidos no século XIX. Apesar de representarem a maioria, as experiências dessas mulheres não foram estudadas de forma diferenciada ou até mesmo não se constituíram objetos de análise. Para Assis, mesmo que a variável sexo fosse considerada como integrante do processo de seletividade nas migrações, as análises estavam muito aquém da complexidade e abrangência que a categoria gênero poderia proporcionar.

Gênero não diz respeito unicamente às mulheres, compreende um conjunto de papéis, direitos e *status*; envolve relações - sociais, políticas e econômicas - que devem ser analisadas conjuntamente com as diversas experiências dos migrantes. Ou seja, considerar as relações de gênero em fluxos migratórios é situar-se de imediato na multiplicidade, no dinamismo dos aspectos sociais e principalmente na complementaridade em relação a outras categorias como etnia – incluindo as particularidades de identidades regionais de cada grupo com a mesma nacionalidade; classe social – compreendendo as minorias em seu papel importante no processo de organização social; e família – considerando as diversas formas de famílias, de gerações, casamentos e relacionamentos. A questão de gênero que se coloca nos recentes estudos migratórios, não se reduz a uma variável de sexo masculino e feminino, e nem são relações somente entre homens e mulheres, mas também entre homens e entre mulheres como mostra Cleci Eulália Favaro² em seus estudos sobre as famílias italianas no Rio Grande do Sul, em que as relações de gênero entre sogras e noras evidenciam o conflito e a passagem o estabelecimento do papel feminino no âmbito da família e do grupo.

A globalização se caracteriza pelas transformações ocasionadas pela internacionalização da economia catalisadas com as inovações tecnológicas nos meios de comunicação e de transporte, onde o tempo e o espaço se comprimem na agilidade e velocidade que influenciam nos relacionamentos e no cotidiano de milhares de pessoas. Embora os estudos da globalização enfoquem pontos importantes do dinamismo do mercado mundial de consumo e de trabalho e forneça explicações plausíveis para entender as rotas migratórias internacionais, a tentativa de compreender a migração dentro da perspectiva do próprio migrante permite novas possibilidades de abordagens e explicações dos motivos que os levaram a se deslocar de um lugar para outro, enriquecidas com as experiências vivenciadas por esses migrantes. Possibilita conhecer diferentes versões sobre o mesmo fato social, entender e visualizar as diferentes interpretações de acordo com as posições sociais de seus agentes.

Encarar a migração sob o ângulo do próprio migrante possibilita traçar também certos elos comuns entre os deslocamentos internos ou regionais no próprio país e, externos e internacionais para outros países. Todos trazem nas suas primeiras bagagens as poucas certezas que irão encontrar

¹ ASSIS, GLÁUCIA DE OLIVEIRA. **De Criciúma para o mundo: gênero, família e migração.** In: Campos – Revista de Antropologia Social, v. 3, p. 31-49, 2003.

² FAVARO, CLECI EULÁLIA. **Imagem femininas: contradições, ambivalências e violências.** Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

no lugar de destino. As dimensões dos estranhamentos - tanto no que tange às sensações imediatas como sons, cheiros, sabores, como na linguagem incompreendida que os imigrantes encontram em outros países ou até mesmo os variados “sotaques” regionais tão característicos no Brasil – remetem à aquisição de novos parâmetros de referências e à reconstrução constante de seus valores. Mas como diria Boaventura de Sousa Santos³: as identidades não são nem rígidas, nem imutáveis, mas sim, identificações em curso. Toda migração envolve mudanças tanto do espaço físico como no ‘situar-se no mundo’ de seus sujeitos, mudanças irreversíveis que os colocam nos liames das fronteiras entre o que são e o que não são – “nem cidadão, nem estrangeiros” como se refere Zilda Márcia Gricoli Iloki⁴. A certeza de que não são mais os mesmos como eram no seu lugar de origem remete a um sentimento incômodo de inadequação que são indícios de uma experiência coletiva e única entre os migrantes (Fleischer, 2001). Cada movimento migratório é antes de tudo, histórias de vidas, expectativas, sonhos, promessas, realizações, mas também de conflitos, fracassos e desilusões; são encontros e desencontros, momentos presentes e, ao mesmo tempo, de ausência que permeiam o cotidiano dessas pessoas, tanto de homens, de mulheres e de crianças.

Este projeto tem como objetivo estudar as relações de gênero na família, educação, trabalho e nas redes de sociabilidade em fluxos emigratórios do Brasil para vários países a partir da década de 1980; procurando observar as possíveis alterações durante o período de adaptação dos grupos migrantes em diferentes sociedades e culturas. Num segundo momento, pretende observar as particularidades e mudanças, mas também as semelhanças e identificações com as normas e costumes de cada lugar. Para isso será feito um levantamento, mapeamento e classificação dos fluxos emigratórios do Brasil para vários países juntamente com uma pesquisa bibliográfica de obras como artigos de revistas científicas, livros acadêmicos e de memória, romances, livros comemorativos e, através da análise e discussão crítica do material coletado, traçar um panorama geral dos fluxos com a introdução da categoria gênero nos movimentos migratórios. Considerar que cada fluxo contém suas particularidades e diversidades, seus vários sujeitos, suas idéias, valores e crenças; um imaginário que se constrói e reconstrói a todo o momento com significados que são constantemente desafiados por novas realidades.

De acordo com o Relatório da Divisão de Assistência Consular do Ministério de Relações Exteriores, a estimativa de brasileiros residentes no exterior em 1996 é aproximadamente de 1,5 milhão de pessoas. Podemos observar que o maior contingente de brasileiros se encontra nos Estados Unidos (598.526 pessoas), seguido pelo Paraguai (460.846 pessoas), Japão (201.139 pessoas) e alguns países da Europa como Itália, Alemanha e Portugal (108.278 pessoas). Apesar dos dados representarem apenas as saídas de brasileiros para o exterior, não podemos esquecer que, no mesmo período, houve também a entrada de muitos estrangeiros entre os quais estão os paraguaios, coreanos, bolivianos e peruanos. Outro fator a ser considerado é a grande parcela de brasileiros residentes em outros países de modo clandestino ou sem visto de permanência o que dificulta a calcular o número exato de migrantes no exterior. Há também a questão do retorno, os números representados na tabela não estão levando em conta os brasileiros que retornam ao país com o visto de permanência do lugar em que estavam. No entanto, são dados gerados de fontes oficiais e que nos dão um panorama geral das emigrações durante a década de 1980.

³ SANTOS, BOAVENTURA SOARES DOS. **Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade**. Porto: Afrontamento, 1994.

⁴ Prefácio concedido in: PAIVA, ODAIR DA CRUZ. **Caminhos Cruzados: Migração e Construção do Brasil Moderno (1930-1950)**. Bauru: EDUSC, p.9-15, 2004.

BRASILEIROS RESIDENTES NO EXTERIOR - 1996

África	3.126
América Central	2.052
Canadá	11.212
Estados Unidos	598.526
Paraguai	460.846
Uruguai	19.986
Guiana Francesa	15.035
Argentina	15.404
Suriname	13.000
Bolívia	6.676
Venezuela	5.307
Demais países América	9.483
Japão	201.139
Oriente Médio	9.400
Demais países Ásia	1.923
Itália	40.118
Alemanha	36.092
Portugal	32.068
Espanha	10.361
Inglaterra	19.510
Países Nórdicos	9.846
Suíça	8.353
França	8.219
Países Baixos	6.033
Grécia	2.503
Áustria	950
Irlanda	80
Europa Oriental	410
Austrália	12.504
Total	1.560.162

Fonte: Relatório da Divisão de Assistência Consular do
Ministério de Relações Exteriores, 08/10/96⁵

Referências Bibliográficas

ÂNTICO, CLÁUDIA. **Imigração internacional no Brasil durante a década de 80: explorando alguns dados do censo de 1991.** In: XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP, Caxambu, outubro 19-22, 1998.

ASSIS, GLÁUCIA DE OLIVEIRA. De Criciúma para o mundo: gênero, família e migração. In: **Campos – Revista de Antropologia Social**, v. 3, p. 31-49, 2003.

⁵ ÂNTICO, CLÁUDIA. **Imigração internacional no Brasil durante a década de 80: explorando alguns dados do censo de 1991.** In: XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP, Caxambu, outubro 19-22, 1998.

FAVARO, CLECI EULÁLIA. **Imagem femininas: contradições, ambivalências e violências.** Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

FLEISCHER, SORAYA. **Pensando a identidade brasileira no contexto do *housecleaning* em Boston, Massachussets.** In: Latin American Studies Association, Washington DC, Setembro 6-8, 2001.

KAWAMURA, LILI. **Para onde vão os brasileiros?.** Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

KOSMINSKY, ETHEL VOLFZON. Questões de gênero em estudos comparativos de imigração: mulheres judias em São Paulo e em Nova York. In: **Cadernos Pagu**, n. 23, p.279-328, 2004.

SANTOS, BOAVENTURA SOARES DOS. **Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade.** Porto: Afrontamento, 1994.

PAIVA, ODAIR DA CRUZ. **Caminhos Cruzados: migração e construção do Brasil moderno (1930-1950).** Bauru: EDUSC, 2004.

Bolsa: CNPq/PIBIC